



DIRETORIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Mercado Mundial de Equídeos



MERCADO MUNDIAL DE EQUÍDEOS

1. Conhecendo o setor

A equideocultura é o segmento da agropecuária dedicado à criação, manejo e comercialização de equídeos, incluindo cavalos, muares (mulas e burros) e asininos (jumentos). Esse setor engloba atividades produtivas como manejo, melhoramento genético e comercialização de material genético, além de práticas voltadas para esportes e lazer. Também integra serviços de apoio aos sistemas de produção e a segmentos industriais e comerciais relacionados, como fornecimento de insumos, equipamentos, nutrição, serviços veterinários, transporte, reprodução e biotecnologias aplicadas. Trata-se, portanto, de uma cadeia produtiva complexa e multifacetada, com expressiva relevância econômica, social e cultural, cujos impactos se estendem tanto ao meio rural quanto ao urbano.

No Brasil, a equideocultura possui papel estratégico. O país abriga um dos maiores rebanhos de equídeos do mundo, distribuído por todas as regiões e associado a diversas atividades produtivas. Essa cadeia movimenta valores bilionários e gera empregos diretos e indiretos em segmentos como esportes, turismo rural, trabalho no campo, lazer, entretenimento e serviços especializados, incluindo medicina veterinária. Culturalmente, os equídeos estão profundamente ligados às tradições nacionais, representando o legado histórico do trabalho rural e das manifestações regionais, como vaquejadas, cavalhadas, rodeios e competições equestres. Além disso, a atividade contribui para inclusão social e geração de renda em comunidades rurais, reforçando sua importância para a economia e a cultura brasileiras.

No cenário internacional, o mercado de equídeos é impulsionado principalmente pelos esportes equestres, turismo e genética, além de setores industriais e farmacêuticos em algumas regiões. Países como Estados Unidos, Emirados Árabes Unidos, Austrália e diversas nações europeias possuem mercados robustos e de alto valor agregado, especialmente na comercialização de genética, cavalos de esporte e serviços especializados. O Brasil, detentor de raças reconhecidas mundialmente, como Mangalarga Marchador, Crioulo, Quarto de Milha e Brasileiro de Hipismo, apresenta amplas oportunidades de expansão, seja na exportação de animais, embriões e genética, seja na oferta de serviços, eventos e turismo equestre, consolidando sua posição como fornecedor global de qualidade e tradição no setor.

2. Panorama global

Segundo estimativas da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), a população global de equídeos é de aproximadamente 116 milhões de animais, dos quais cerca de 60 milhões são cavalos, o que representa uma média de cerca de 135 pessoas para cada cavalo no planeta.

Apesar da relevância desses números, a própria FAO reconhece que a coleta de dados sobre equídeos ainda apresenta lacunas significativas em diversos países. Essa limitação estatística dificulta o monitoramento de tendências populacionais e a identificação de ameaças como comércio ilegal, propagação de doenças e declínio de populações locais, especialmente em áreas rurais e de difícil acesso.

Em relação às informações do comércio internacional, é possível caracterizar a comercialização de equídeos vivos, pois estes estão classificados de forma específica no sistema tarifário, permitindo a geração de séries oficiais de valor e quantidade por país e por tipo. Entretanto, o sêmen equino e outros materiais genéticos permanecem agregados em códigos amplos que misturam espécies nas estatísticas públicas. Somam-se a isso descrições livres nas declarações, a heterogeneidade de identificação nos países parceiros e, em muitos casos, baixa volumetria sujeita à confidencialidade, o que impede um isolamento preciso do valor comercializado.

Diante desse cenário, destaca-se a importância de solicitar dados específicos para o setor, seja por meio da criação de desdobramentos tarifários por espécie e produto, seja pela disponibilização de microdados administrativos e sanitários vinculáveis, de modo a permitir mensurações mais acuradas e comparáveis.

2.1. Equideocultura nos Estados Unidos da América

Cerca de 55% dos cavalos do mundo estão no continente americano, e os Estados Unidos ocupam posição de destaque, com um rebanho estimado em 10 milhões de cabeças, criadas principalmente para lazer, esportes e atividades rurais. Raças desenvolvidas no próprio país, como Quarter Horse e Appaloosa, tornaram-se amplamente utilizadas em práticas equestres e competições.

Um elemento singular da equideocultura norte-americana é a presença dos mustangues, cavalos selvagens que se consolidaram como símbolo cultural do país. Descendentes de animais introduzidos por colonizadores espanhóis no século XVI, adaptaram-se ao oeste americano e foram incorporados por povos originários às atividades de caça, guerra e mobilidade, transformando profundamente seu modo de vida.

No século XIX, estima-se que a população desses cavalos tenha alcançado 2 milhões de indivíduos, mas a expansão agrícola, a urbanização e o crescimento da pecuária reduziram drasticamente esse contingente. A partir da década de 1950, movimentos de proteção animal culminaram na aprovação, em 1971, da Lei de Proteção dos Cavalos e Burros Selvagens Livres. Atualmente, esses animais são tutelados por instituições como o Bureau of Land Management (BLM), responsável por cerca de 27 milhões de acres de terras públicas destinadas à conservação. O mustangue permanece como símbolo de liberdade e resistência, profundamente ligado à identidade histórica e cultural do país.

Além dos cavalos, burros e mulas tiveram papel crucial na formação econômica e social. Introduzidos no século XV por colonizadores europeus, os burros foram fundamentais no transporte de cargas e no trabalho em minas, sobretudo durante a Corrida do Ouro no século XIX. As mulas, resultado do cruzamento entre jumentos e éguas, destacaram-se na agricultura e na indústria pela força e resistência. O estado de Kentucky consolidou-se como importante centro de criação de mulas, contribuindo para o desenvolvimento rural. Com a mecanização, o uso produtivo desses animais diminuiu, mas eles mantêm presença cultural, especialmente em atividades turísticas e recreativas.

Do ponto de vista econômico, a equideocultura norte-americana representou, em 2023, um impacto estimado de US\$ 177 bilhões, segundo o American Horse Council. O setor gera aproximadamente 2,2 milhões de empregos, abrangendo criadores, treinadores e profissionais ligados à logística, nutrição animal e turismo rural. Esse peso econômico abre espaço para intercâmbio genético e comercial, especialmente com raças brasileiras de cavalos e de burros, reconhecidas pela seleção genética apurada e capazes de contribuir para a diversificação do mercado norte-americano. Em 2024, os Estados Unidos foram o segundo maior importador de equídeos vivos, com compras superiores a US\$ 844 milhões, provenientes sobretudo de Alemanha, Irlanda e Reino Unido. O Brasil respondeu por apenas US\$ 5 milhões (cerca de 0,6%), o que, diante do volume adquirido e da relativa facilidade logística entre os dois países, evidencia um mercado de grande potencial para produtos brasileiros.

Quanto à regulação, o Brasil adota mecanismos rigorosos de controle: o Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) é responsável pela emissão do Certificado Zoossanitário Internacional (CZI), que exige inspeções veterinárias, exames laboratoriais, comprovação sanitária e condições adequadas de transporte, alimentação e manejo. No campo legislativo, garantindo a segurança jurídica, foi sancionada a Lei nº 15.021/2024, que estabelece normas para a coleta, controle e distribuição de material genético animal, abrangendo sêmen e embriões, abrindo caminho para ampliar as exportações em conformidade com padrões sanitários internacionais.

Do lado norte-americano, a importação de material genético segue regras do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), por meio da agência APHIS. Entre as exigências estão: permissão de importação, certificado sanitário oficial em

inglês emitido por veterinário credenciado pelo governo brasileiro e garantia de que os animais doadores estejam livres de restrições sanitárias por pelo menos 60 dias antes da coleta.

2.2. Equideocultura no México

O México possui um plantel de aproximadamente 6,4 milhões de cavalos. Em 2024, o comércio internacional do setor equino movimentou cerca de US\$ 70 milhões, considerando exportações e importações. As compras externas foram lideradas pelos Estados Unidos (US\$ 22,4 milhões), seguidos por europeus como Bélgica, Alemanha, França e Espanha. Internamente, a indústria equina é um importante motor econômico, gerando mais de 100 mil empregos diretos e indiretos e movimentando cerca de 3 bilhões de pesos mexicanos por ano, com expectativa de crescimento anual de 12%.

A relevância do cavalo no México extrapola a dimensão econômica e integra a identidade nacional. A charrería, considerada esporte nacional e reconhecida pela Unesco como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, exemplifica essa tradição. Originada no manejo de gado entre os séculos XVI e XVII, evoluiu para competições organizadas, nas quais os charros demonstram habilidades de montaria, laço e destreza. Esses eventos ocorrem em arenas circulares, com trajes típicos, música mariachi e celebrações familiares.

O país também é berço de raças próprias, como o cavalo Azteca, oficializado em 1972, considerado a raça nacional, resultante do cruzamento entre Andaluz, Quarter Horse e Criollo Mexicano. Criado inicialmente para a charrería, hoje é utilizado em modalidades como adestramento, salto e lazer. Outra raça relevante é o Galiceno, descendente de cavalos trazidos pelos espanhóis, conhecido pelo porte reduzido, rusticidade e resistência, características que ainda o tornam útil em trabalhos rurais e em provas de western nos Estados Unidos.

As corridas de cavalos também ocupam espaço significativo. O Hipódromo de las Américas, na Cidade do México, é o principal palco para competições com Puro-Sangue Inglês (PSI). No norte do país, especialmente em Chihuahua, Sonora e Coahuila, as corridas de Quarter Horses são populares, refletindo a influência da tradição norte-americana. O México participa de circuitos internacionais de hipismo, ainda que em menor escala quando comparado a polos como Estados Unidos, Brasil e Europa.

Nas áreas rurais, os equídeos mantêm papel prático e cultural. Burros e mulas continuam amplamente utilizados no transporte de cargas em regiões montanhosas, enquanto cavalos participam de romarias, festas religiosas e celebrações locais, evidenciando sua presença no cotidiano da população.

Nos últimos anos, o país tem buscado integrar tradição e inovação. Iniciativas militares desenvolvem programas de preservação genética e melhoramento de raças adaptadas às necessidades mexicanas. Além disso, a evolução das biotécnicas de reprodução tem sido aplicada para fortalecer tanto a charrería quanto o mercado esportivo internacional.

Entre as oportunidades para o Brasil, destaca-se a recente abertura do mercado mexicano à exportação de sêmen equino brasileiro. As negociações iniciadas em 2021 culminaram, em outubro de 2023, na aprovação do Certificado Sanitário Internacional (CSI), que estabeleceu os requisitos zoossanitários para esse comércio. Em 2024, o México importou mais de US\$ 57 milhões em equídeos vivos, majoritariamente dos Estados Unidos, enquanto as compras do Brasil somaram apenas US\$ 38 mil. O ambiente político e econômico atual entre Brasil e México favorece a expansão das exportações brasileiras. Mangalarga Marchador e Cavalo Crioulo apresentam elevado potencial competitivo, especialmente em provas de resistência, lazer e esportes equestres. Com tecnologia consolidada em reprodução assistida, o Brasil está bem posicionado para atender às exigências sanitárias mexicanas. Além disso, equinos de elite destinados à reprodução e às competições tendem a ganhar espaço no mercado mexicano, notadamente nos circuitos de hipismo e de enduro.

O mercado para mulas também é promissor, pois o país valoriza esses animais pela rusticidade. O Brasil, com tradição na criação de burros de grande porte e linhagens adaptadas, pode atender à demanda de regiões mexicanas com topografia desafiadora, onde esses animais continuam indispensáveis.

2.3. Equideocultura na China

Nos últimos 20 anos, a China consolidou-se como o principal parceiro comercial do Brasil, impulsionada sobretudo pelo agronegócio, e vem traçando seu caminho para tornar-se a maior economia do mundo. Referências históricas e culturais revelam o papel simbólico do cavalo na sociedade chinesa, presente na arte, na astrologia e nas tradições populares, como o Cavalo Voador de Gansu, escultura em bronze do período Han Oriental (século II d.C.) que transmite leveza, e os cavalos do Exército de Terracota, que ilustram a importância do animal ao longo dos séculos.

Historicamente, os cavalos foram estratégicos para comunicação, defesa militar e comércio, essenciais à Rota da Seda, que dependia de animais rápidos e resistentes. Desde as dinastias Zhou e Han (século XI a.C. ao século III d.C.), esses animais estiveram ligados à guerra, ao transporte, à agricultura e à expansão territorial, consolidando-se como elementos centrais da sociedade chinesa.

O país investe na preservação e promoção da tradição equestre, aliando patrimônio cultural e modernidade. Exemplo disso é o Heilan International Equestrian Club, que abriga 47 raças de cavalos provenientes de 30 países, oferece centros de treinamento e sedia eventos de luxo. A China possui mais de 30 raças nativas e, embora já tenha detido o maior rebanho equino do mundo, hoje ocupa a segunda posição global, com aproximadamente 3,7 milhões de animais, concentrados principalmente nas regiões norte e oeste, como Gansu, Xinjiang e Qinghai.

As corridas de cavalos permanecem ativas, sobretudo em celebrações étnicas promovidas por povos mongóis, tibetanos e cazaques. O Festival de Naadam, na Mongólia Interior, é emblemático por reunir competições de corrida, luta e arco e flecha. Paralelamente, a equitação esportiva expandiu-se nas últimas décadas, impulsionada pelo crescimento da classe média. Desde os Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, houve aumento na criação de clubes privados em grandes centros urbanos como Pequim, Xangai e Guangzhou, com destaque para hipismo clássico, polo e atividades recreativas.

Do ponto de vista econômico, o setor apresenta oportunidades relevantes. Em 2024, somadas as importações de equídeos destinadas à China e a Hong Kong, o montante alcançou US\$ 1,07 bilhão. Estima-se que existam mais de 400 mil praticantes de esportes equestres na China, número em expansão, o que impulsiona a demanda por genética de qualidade, treinamento, nutrição e equipamentos especializados. Embora ainda seja um mercado relativamente pequeno em escala global, observa-se crescimento consistente com o aumento das importações de raças esportivas, como Puro-Sangue Inglês e Warmbloods, abrindo espaço para a inserção de raças brasileiras, especialmente o Brasileiro de Hipismo.

A China figura entre os maiores produtores mundiais de carne de cavalo, ao lado de países como Cazaquistão e México, mas o consumo permanece restrito a determinadas regiões e não integra a dieta cotidiana da maioria da população. Nas grandes cidades, não há um mercado gourmet consolidado, embora existam nichos associados ao turismo étnico e à gastronomia regional.

O interesse por equinos de elite cresce por múltiplos fatores, inclusive pela aquisição de genética voltada a competições e lazer, o que abre um canal importante para a expansão das exportações. Animais adaptados à produção de carne também podem encontrar espaço, desde que direcionados à criação local. Esse potencial, porém, enfrenta desafios relevantes, como exigências sanitárias rigorosas, que incluem protocolos específicos, inspeções veterinárias e certificações, a falta de acordos sanitários bilaterais específicos entre Brasil e China e dificuldades logísticas decorrentes da distância e dos custos de transporte, o que pode comprometer a competitividade do produto brasileiro.

Apesar dessas restrições, o Brasil tem condições de ampliar sua presença no mercado chinês por meio da exportação de genética e produtos relacionados à equideocultura. Para transformar esse potencial em resultados concretos, será essencial investir em parcerias estratégicas, avançar nas negociações sanitárias e desenvolver soluções logísticas eficientes, garantindo acesso a um mercado em expansão.

2.4. Equideocultura no Oriente Médio

Este estudo utiliza a expressão “Oriente Médio” como sinônimo do conjunto de Estados-membros da Liga Árabe, abrangendo países do Norte da África e da Ásia Ocidental: Argélia, Arábia Saudita, Bahrein, Catar, Comores, Djibuti, Egito, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbano, Líbia, Mauritânia, Marrocos, Omã, Estado da Palestina, Somália, Sudão, Síria e Tunísia. Essa delimitação garante comparabilidade estatística e coerência com instrumentos de política comercial e sanitária.

A equideocultura na região possui um valor singular, sustentado por um forte simbolismo cultural, histórico e religioso. Entre as raças mais emblemáticas está o Cavalo Árabe, considerado um dos animais domesticados mais antigos do mundo, com registros de criação superiores a quatro mil anos. Na tradição islâmica e beduína, os cavalos simbolizam nobreza, lealdade e coragem, presentes em poemas, relatos históricos e passagens do Alcorão. Por isso, muitos países tratam sua preservação como parte essencial da identidade nacional.

O mercado equino é sofisticado, voltado para raças nobres e esportivas. Em 2023, as importações de equídeos vivos somaram US\$ 1,198 trilhão, segundo dados da ONU. Além do Cavalo Árabe, há grande demanda por Puro-Sangue Inglês e por animais de alto desempenho esportivo. Corridas de cavalos são populares nos países do Golfo, como Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, Catar e Bahrein, movimentando milhões em prêmios, patrocínios e apostas. Modalidades como hipismo clássico, polo e enduro também crescem, impulsionando o turismo equestre.

Outro pilar é a genética equina. Há forte interesse na importação de sêmen, embriões e animais vivos de qualidade superior, com o objetivo de aprimorar rebanhos e preservar linhagens de prestígio. Famílias reais e investidores privados mantêm haras de padrão internacional, clínicas veterinárias avançadas e centros de treinamento de excelência. Em muitos casos, animais e embriões alcançam valores milionários, evidenciando a relevância econômica e simbólica do setor.

Nesse contexto, o Brasil encontra oportunidades para ampliar sua presença. A exportação de genética, como sêmen e embriões, pode atender à demanda crescente por raças de qualidade. A venda de animais vivos, como o Mangalarga Marchador, também apresenta potencial, graças à resistência, versatilidade e histórico de melho-

ramento genético da raça. Além disso, universidades e centros de reprodução brasileiros podem estabelecer parcerias em pesquisa e manejo reprodutivo, áreas em que o país possui reconhecida expertise.

Os países do Oriente Médio já dispõem de sistemas estruturados para importação de genética equina, mas o comércio de equídeos vivos entre o Brasil e a região é residual e episódico. Nos Emirados Árabes Unidos, por exemplo, é possível obter autorização para importação de sêmen ou embriões mediante solicitação eletrônica, pagamento de taxas e apresentação de certificados veterinários que comprovem a conformidade sanitária. A demanda por equinos brasileiros, geralmente cavalos árabes com genética aprimorada no Brasil, permanece entre compradores do Golfo, interessados em diversificar a base genética de seus plantéis. O refinamento genético e o desempenho esportivo dos cavalos brasileiros reforçam essa atratividade.

Eventos internacionais, como a Dubai International Horse Fair, representam espaços estratégicos para ampliar a visibilidade do Brasil e consolidar parcerias comerciais. Assim, a equideocultura no Oriente Médio se apresenta como um mercado competitivo e elitizado, mas repleto de oportunidades, no qual o Brasil pode se inserir por meio da genética, da exportação de animais e de acordos técnicos de cooperação.

2.5. Equideocultura na América Latina

Para além do México, a equideocultura na América Latina constitui atividade de grande relevância econômica, social e cultural, marcada por tradição histórica e pela diversidade de raças e práticas regionais. A região abriga um dos maiores contingentes de equídeos do mundo, distribuídos entre cavalos, asininos e muares, que historicamente desempenharam papel fundamental na colonização, no trabalho agrícola e na formação da identidade dos povos latino-americanos.

Atualmente, a cadeia produtiva é ampla e complexa, englobando reprodução e melhoramento genético, esportes equestres, lazer e turismo, além de serviços especializados como nutrição, medicina veterinária, reprodução assistida e comercialização de animais e material genético. Trata-se de um setor que movimenta bilhões e gera milhões de empregos diretos e indiretos no meio rural e urbano.

Na Argentina, o Cavalo Crioulo é símbolo da cultura pampiana e dos gaúchos, associado ao trabalho no campo e ao polo, modalidade na qual o país é referência mundial. No Chile, o Cavalo Chileno, considerado a raça mais antiga da América, é amplamente utilizado nos rodeios, prática integrante do patrimônio cultural nacional. No Uruguai, a presença do Crioulo também é marcante, vinculada às tradições gaúchas e às provas de resistência equestre. Já na Colômbia e na Venezuela, destaca-se o Paso Fino, raça valorizada pela elegância e suavidade, com mercados de exportação e prestígio inter-

nacional. Nesses países, preserva-se ainda a tradição dos llaneros, que utilizam equídeos no trabalho rural e em competições. O Peru, por sua vez, é internacionalmente reconhecido pelo Cavalo Peruano de Paso, uma das raças mais valorizadas do mundo pela marcha característica, convertida em ativo cultural e turístico do país.

De modo geral, a equideocultura latino-americana é marcada pela valorização de raças adaptadas e de amplo reconhecimento internacional, o que abre espaço para exportação de genética, realização de eventos equestres e expansão do turismo associado às tradições locais. Persistem, entretanto, desafios comuns, como a insuficiência de dados estatísticos consistentes, a necessidade de maior padronização de políticas públicas de fomento e a atenção a ameaças sanitárias. Ainda assim, o setor mantém caráter estratégico para a região, não apenas pelo peso econômico, mas também por consolidar laços históricos, culturais e sociais que fazem dos equídeos elemento central da identidade latino-americana.

3. O Brasil no mercado global de equídeos

O Brasil ocupa posição de destaque no mercado global da equideocultura, impulsionado pela expressividade de seu rebanho e pela reconhecida capacidade técnica em manejos reprodutivos e biotécnicas de reprodução. O país possui mais de cinco milhões de equídeos, entre cavalos, muares e asininos, distribuídos por todo o território nacional. Essa ampla presença atende às demandas internas, como trabalho rural, lazer e esporte, e sustenta a oferta de animais, material genético e subprodutos para mercados internacionais.

Em termos quantitativos, o efetivo de cavalos alcançou 5,8 milhões de cabeças em 2023, com maior concentração em Minas Gerais (788 mil), Pará (527 mil), Rio Grande do Sul (490 mil), Bahia (463 mil) e Mato Grosso (439 mil), estados de forte tradição pecuária e de trabalho de campo associado aos equídeos, segundo a Pesquisa da Pecuária Municipal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PPM/IBGE). Como a PPM deixou de apurar asininos e muares a partir de 2013, as referências mais recentes para essas categorias provêm do Censo Agropecuário 2017, que registrou 376.874 jumentos e 615.498 muares. Assim, o rebanho total de equídeos no Brasil está estimado em aproximadamente 6,8 milhões de animais.

A qualidade do rebanho brasileiro relaciona-se diretamente ao trabalho de seleção e ao reconhecimento de suas principais raças. O Mangalarga Marchador, maior população equina do país, é valorizado pela marcha confortável e pela versatilidade, sendo utilizado tanto no lazer quanto em esportes de resistência. O Cavalo Crioulo, símbolo do sul do Brasil, destaca-se pela rusticidade, força e capacidade de adaptação ao trabalho no campo, além do desempenho em provas funcionais. O Quarto de Milha, de

origem norte-americana, mas amplamente difundido e adaptado no país, sobressai pela velocidade, explosão muscular e aptidão para provas como tambor e baliza. Outras raças de relevância incluem o Cavalo Árabe, reconhecido pela resistência, e o Puro-Sangue Inglês, referência mundial em corridas. O Brasileiro de Hipismo constitui, por sua vez, um caso exitoso de melhoramento genético nacional, com desempenho comprovado em competições internacionais de salto.

A relevância da equideocultura brasileira não se limita aos cavalos. Mulas e burros desempenham papel estratégico na economia rural e no patrimônio cultural do país. Tradicionalmente utilizados como animais de trabalho em regiões montanhosas, na agricultura familiar e no transporte de cargas, os muares seguem valorizados por força, resistência e rusticidade, sobretudo onde a mecanização é limitada. Nesse contexto, a valorização de mulas, burros e raças asininas, em especial o Jumento Pega, evidencia a amplitude e a diversidade da equideocultura nacional. A diversidade genética e a excelência dos equídeos brasileiros consolidam o país como um importante candidato à ampliação de sua participação no comércio internacional, seja pelo fornecimento de cavalos de esporte e lazer, pela exportação de material genético ou pela oferta de serviços especializados vinculados à cadeia produtiva.

Entre os itens exportados pelo Brasil destacam-se cavalos vivos, destinados a competições esportivas e programas de melhoramento genético no exterior, bem como sêmen, embriões e outros materiais biotecnológicos, que reforçam a posição do país como fornecedor de genética adaptada e de alta qualidade. Além desses produtos, a cadeia contribui com subprodutos de relevância comercial, como o couro equino, utilizado pela indústria na fabricação de artigos de luxo e de uso especializado. Os principais destinos de exportação de equídeos do Brasil são Estados Unidos, Uruguai, Argentina, Bélgica, Paraguai e Chile, ainda que representem apenas US\$ 8,5 milhões em 2024, valor modesto diante da vocação exportadora do agronegócio brasileiro.

4. Oportunidades reais e mercados prioritários

O estudo identifica três fatores-chave para expansão internacional: facilidade de acesso aos mercados (regras sanitárias, regulatórias, logística e custos); potencial de demanda (tamanho do mercado e perfil dos compradores); e diferenciais brasileiros (qualidade genética, experiência em reprodução e oferta de serviços). Com base nisso, destacam-se três frentes estratégicas:

- Mercados já acessíveis e em expansão: México, Uruguai e Estados Unidos.
- Mercados promissores de alto potencial: Oriente Médio (países da Liga Árabe).
- Indústria e genética: reprodução, melhoramento e aproveitamento de subprodutos como couro e insumos.

4.1. Mercados já acessíveis e em expansão

México: A recente abertura para a importação de sêmen equino brasileiro, somada ao crescimento do público de esportes equestres, cria uma oportunidade concreta para a genética e para a venda de animais de elite. As prioridades incluem:

- Ampliar o portfólio de produtos habilitados à exportação, incorporando não apenas sêmen, mas também embriões, células somáticas e seus derivados;
- Consolidar protocolos sanitários para garantir previsibilidade e segurança;
- Executar campanhas técnicas destacando resistência, marcha e funcionalidade (Mangalarga Marchador, Crioulo, Brasileiro de Hipismo);
- Intensificar a promoção das raças brasileiras, reforçando sua imagem no mercado mexicano.

Uruguai: Mercado maduro com custos logísticos competitivos e alto prestígio técnico. As oportunidades concentram-se em:

- Intercâmbio genético e venda de reprodutores;
- Treinamento e provas funcionais;
- Serviços especializados, como ferrageamento, nutrição e manejo esportivo.

Estados Unidos: Com um ecossistema amplo e disposto a pagar por performance comprovada, as entradas prioritárias para o Brasil estão nos nichos de:

- Enduro, salto (Brasileiro de Hipismo) e marchadores para lazer premium.
- O mercado exige: rigor documental, com destaque para certificados zoossanitários; fortalecimento da marca das raças brasileiras; e estruturação do pós-venda.

4.2. Mercados promissores de alto potencial

Oriente Médio: Com alto poder aquisitivo e demanda por genética voltada ao desempenho esportivo e à estética. O Brasil conta com boas relações diplomáticas, rede ativa de adidos agrícolas e escritório de representação da CNA. Prioridades para inserção no mercado árabe:

- Segmentos-alvo: hipismo de salto, enduro e estábulos boutique;
- Estratégia de entrada: atuação por hubs regionais em países com infraestrutura equestre consolidada, apresentando linhagens e resultados em pista;
- Gestão sanitária: planejamento documental rigoroso, articulação com o Mapa e adidâncias agrícolas, escolha de quarentenas certificadas e definição de calendários alinhados à estação reprodutiva local;

- Ações complementares: parcerias com haras e clubes equestres, participação em feiras e leilões internacionais e implementação de programas de teste de progénie para acelerar a adoção da genética brasileira.

4.3. Indústria e genética: o vetor de maior escala

Além da venda de animais, a indústria da reprodução equina representa o principal vetor de escala e recorrência, ao integrar tecnologias de reprodução e melhoramento genético. O mercado segue aquecido com soluções como inseminação artificial, transferência de embriões e mapeamento de APT, processo que estima a capacidade de transmissão genética de cada reprodutor para características de interesse, como desempenho, rusticidade e marcha.

A comercialização de material genético, como sêmen e embriões com rastreabilidade sanitária, catálogos multilíngues e políticas de garantia e suporte técnico, é um eixo estratégico para toda a cadeia da equideocultura. Esse vetor se completa com o aproveitamento de subprodutos, especialmente o couro voltado a segmentos premium, além de oportunidades em insumos farmacêuticos e biomateriais, capazes de atender a padrões internacionais de qualidade.

5. Caminhos viáveis para a ação da CNA

Com base nas informações apresentadas, a agenda institucional da CNA poderá incorporar ações para reduzir custos, dar previsibilidade regulatória e aumentar a qualidade e visibilidade da oferta brasileira de equídeos e genética. Para isso, sugere-se um conjunto de iniciativas integradas, de curto e médio prazos, listadas abaixo.

5.1. Atuação junto ao governo para negociações sanitárias específicas

A ampliação do acesso a mercados depende da harmonização de requisitos zoosanitários e do reconhecimento de procedimentos equivalentes entre as autoridades competentes. Recomenda-se priorizar, de forma transparente e baseada em evidências, um portfólio de países-alvo e de produtos, abrangendo equinos vivos, sêmen e embriões, com foco na atualização de Certificados Sanitários Internacionais, habilitação de centrais de coleta e de quarentena, reconhecimento de laboratórios e padronização documental, incluindo passaporte equino, microchipagem, rastreabilidade e bem-estar.

Essa agenda deve ser conduzida em regime de coordenação interinstitucional (CNA, Mapa e Itamaraty), com suporte de adidos agrícolas, contemplando cronogramas realistas e análise de riscos, levando em conta a capacidade laboratorial, a sazonalidade reprodutiva e eventuais medidas de salvaguarda, além métricas de acompanhamento, como o número de instrumentos sanitários atualizados, o tempo médio de emissão de documentos e a taxa de aprovação de processos.

5.2. Sensibilização de criadores e associações de raça

A inserção internacional exige oferta doméstica qualificada, com padronização técnicas e conformidade regulatória. Recomenda-se implementar um programa de sensibilização e capacitação para criadores e associações, estruturado em três pilares: (i) qualidade genética e mensuração objetiva (APT/DEP, registros de desempenho, exames morfométricos e, quando aplicável, marcadores genômicos); (ii) conformidade sanitária e documental (rastreabilidade, protocolos de coleta, acondicionamento e transporte e boas práticas de bem-estar); e (iii) padronização de catálogos em múltiplos idiomas (pedigree, desempenho e indicadores reprodutivos).

Ao instituir uma base comum de dados e procedimentos, a CNA reduz assimetrias informacionais e eleva a confiabilidade da oferta brasileira nos mercados de destino.

5.3. Vitrine internacional da equideocultura brasileira

Para construir reputação internacional, é essencial transparência e acesso fácil às informações técnicas. Propõe-se criar uma vitrine pública que reúna, em um único espaço, dados sobre raças, reprodutores certificados, resultados em pista, dossiês sanitários e serviços habilitados. A plataforma deve manter dados padronizados e atualizados, garantindo comparabilidade e evitando vieses promocionais.

Como instrumento de política setorial, a vitrine cumpre dupla função: reduzir custos de busca para compradores internacionais e ancorar a narrativa de qualidade, adaptabilidade e bem-estar que caracteriza a genética brasileira.

6. Conclusão

Em síntese, o Brasil reúne condições sólidas para ampliar sua presença internacional na equideocultura, combinando escala de rebanho, excelência genética e competência técnica em reprodução. O país parte de uma base sólida, ainda subaproveitada no comércio exterior, que exportou apenas US\$ 8,5 milhões em 2024 para equídeos vivos.

Os mercados já acessíveis (como México, Uruguai e Estados Unidos) e os mercados promissores (como Oriente Médio e China) apresentam demanda crescente por genética, animais de elite e serviços especializados, com referências expressivas como as importações de equídeos de China e Hong Kong (US\$ 1,07 bilhão em 2024).

Para capturar esse potencial, a agenda proposta prioriza a harmonização sanitária e a coordenação interinstitucional, a qualificação da oferta doméstica com métricas objetivas, a padronização documental e de catálogos, a criação de uma vitrine pública de referência e a participação estratégica em feiras e rodadas internacionais.

Além disso, é essencial enfrentar lacunas estatísticas, avançar em soluções logísticas e pós-venda e manter execução disciplinada com monitoramento contínuo, transformando vantagens comparativas em competitivas e elevando a visibilidade e o valor agregado da equideocultura brasileira no mercado global.

